

## FERREIRA, ISABEL, 2022. *KISSÂNGUA AGRIDOCE*. LISBOA: EDIÇÕES KUJIZA KUAMI

FRANCISCO TOPA\*

Com a exceção do 10 de Junho, em que celebramos — ao lado de Camões — o dia das comunidades portuguesas, esquecemo-nos quase sempre de que somos um país de emigrantes, com uma imensa mole de compatriotas espalhados por quase todo o mundo. Lembramo-nos, contudo, sobretudo em momentos de algum conforto, de que acolhemos alguns imigrantes (certas forças políticas tentam convencer-nos de que são imensos ou demasiados), uma boa parte dos quais oriunda da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Os angolanos, embora não sejam os mais numerosos desse grupo, costumam destacar-se, pelas boas razões: em domínios como o desporto (sobretudo o futebol e o basquetebol), a música ou a literatura há entre nós um bom número de conterrâneos da Rainha Jinga, sem a alegria e a mestria dos quais a nossa vida seria mais pobre e mais desenhada. A par deles e de muitos trabalhadores mais ou menos anónimos, temos também uma mais discreta minoria de ex-políticos e de homens (e mulheres) de negócios, com um passado muitas vezes pouco recomendável. Basta, porém, uma mulher de letras como Isabel Ferreira para equilibrar essa balança de perdas e ganhos.

Com uma obra já longa e diversificada — que se reparte pela poesia, a ficção e a literatura infantil —, Isabel Ferreira é um bom exemplo da literatura angolana na diáspora e do esforço que ela requer para compatibilizar e pôr em diálogo os dois lados, o da origem e o do país de acolhi-

mento. O livro em apreço não revela, contudo, nenhuma hesitação quanto à filiação da autora: desde o título, *Kissângua agridoce* é um livro inequivocamente angolano. *Quissângua* (escrito assim ou com *k*) é um tipo de cerveja de milho característico de Angola e *Quissângua agridoce* é o amor, como o esclarece de imediato a primeira epígrafe da coletânea: «O amor é kissângua agridoce: ao sorver, umas vezes fermenta a vida, adocica-a, outras nos causa amargo na língua, mas vale amar!». Mas essa epígrafe, mais que esclarecer o título, é uma boa chave de leitura para o livro: indica-nos que os poemas serão dominados pelo tema do amor, tal como ele se manifesta na *vida* e na *língua* — isto é, no plano pessoal e coletivo, no plano físico ou emotivo, de um modo mais positivo ou mais negativo —, ao mesmo tempo que nos previne que a forma de expressão será a do criativo português angolano, na sua vertente *isabelina*. E essa é uma das surpresas agradáveis ao leitor português, que, depois de *adocicar*, encontrará formas como *perfu-amar* (p. 65), *desanoitecer* (p. 69), *elegantizar* («Elegantizo-me como Ester!» [p. 109]), *oceanizar* (p. 132), *farolizar* (p. 132) ou *marmorizar* (154).

Outra surpresa agradável a qualquer leitor, angolano ou português, reside na intensidade com que as diversas formas de amor vão sendo apresentadas, de acordo com a linha anunciada no primeiro texto, «Matéria = Palavra», que funciona como uma espécie de arte poética: destacando

---

\* U. Porto/CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>).  
Email: [ftopa@letras.up.pt](mailto:ftopa@letras.up.pt). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

vocábulos como *palavra, texto, grito, mujimbo, ação*, Isabel Ferreira diz-nos que, para si, a essência da poesia está na palavra, no som — de certo modo, portanto, também na oralidade —, mas igualmente numa realidade (da fome, da velhice, do sem-abrigo) que reclama ação.

Deste modo, encontramos, por um lado, poemas marcados por um forte investimento estilístico, que pode traduzir-se numa sinestesia («Perfumo a noite com a cor da paixão...» [p. 36]); numa imagética fortemente sensual («Doou-me a estepe!/ Que delícia é a tua planície!/ Fazes o acto de contrição no meu jango!/ Sou o sol a cada noite tua! E tu fazes luar em mim!» [p. 38]), que às vezes ecoa um tipo de discurso muito antigo, quase bíblico («Inebria-te com os frutos da minha lavra/ E... bebe o vinho doce do meu vale!» [p. 107]); ou então metapoética («Deixa-me rasgar o meu verbo/ na estrofe do teu corpo!» [p. 62]). Num registo diferente, encontramos também a aliteração a reforçar o discurso acusatório («Plantas a pobreza no prato do proletário» [p. 70]); ou o efeito do ponto final sincopante («Grades. Muros. Janelas./ Porrete. Portões. Prisões.» [p. 98]).

Não deixando de ser moderno e contemporâneo, este discurso apresenta também marcas de uma língua mais antiga, vinda sobretudo da Bíblia, mas também de poetas angolanos dos nossos dias, como Paula Tavares ou Ruy Duarte de Carvalho. São vários os momentos que lembram o Cântico dos Cânticos; há outros em que são evocadas figuras femininas do Antigo Testamento («Mulher Sunamita que rasga as dores!/ Abre esporas, rasga o ventre.../ Acolhedora de dores.» [p. 47]); ou «Mulher balsâmica, Mulher Judite, Mulher Dalila/ Espécie lacerada a cada anoitecer.» [p. 53]);

há outra passagem em que Isabel Ferreira recria uma parábola usada por Cristo para falar da luz divina («A poesia debaixo do alqueire/ é iluminada por quem a produz.../ Sejamos luz!» [p. 46]); por fim, temos a recriação de um hino adaptado de Isaías que faz parte do ritual da missa: «Santo, Santo, Santo./ Senhor, dono do universo e da terra que é tua!/ Vigia a minha voz! Algema o meu corpo!/ Silencia os meus passos, mas não a minha/ consciência!» (p. 139). De Paula Tavares virá, talvez, a intensidade de um erotismo feminino e a reivindicação de uma linhagem feminina angolana, vista como «pilar da estabilidade» (p. 53) e que tanto inclui a zungeira («No meu país.../ Quem mais labuta/ é a dona...» [p. 73]), como inclui as mulheres que combateram, pelas armas ou através da música («Sou angolana! E por elas, não me engano!/ Ufano-me:/ por Ginga Mbandi,/ por Deolinda Rodrigues, por Belita Palma,/ por mulheres bravias.» [p. 43]). Quanto a Ruy Duarte, encontramos ecos de poemas seus em passagens como esta: «Olhar os teus olhos é ver-te sul!/ É ver-te meu sol a cada instante...» (p. 65), que lembra o poema «O sul» de *Chão de oferta* do autor angolano nascido em Santarém.

As outras vertentes da conceção de poesia de Isabel Ferreira traduzem-se, por um lado, na reivindicação de uma forma feminina — e levemente feminista — de estar na vida e, por outro, na denúncia das injustiças, das desigualdades, das tiranias. Para exemplificar o primeiro aspeto, veja-se esta passagem de «Ousar o grito»: «Que importa o meu baio sedutor?/ O maruvo no teu corpo?/ Que importa a tua pitanga vermelha?/ Se no leque do enlevo/ quando me ponho nua.../ O amor se torna calvário!» (p. 57). Relativamente ao segundo, encontramos momentos mais emotivos, a

propósito, por exemplo, do drama dos refugiados: «Lágrimas encalhadas no rosto da dor/ do negro./ Navio naufragado ao acaso./ Olhar vazio no mar Egeu.» (p. 50); outros de balanço histórico: «E a luta de Gatsha Buthelezi, Lumbumba,/ Agostinho Neto, Machel, Cabral e Mandela...// Perdeu-se na sanzala no eco adormecido/ do choro mater.» (p. 48); outros da interrogação que precede a ação: «Como rasgar mastros na capital dos medos?» (p. 49); outros de revolta, que pode ser mais explícita («E sinto a ira da ditadura./ E os ouço gritando:/ — São arruaceiros! Disparem.../ É o estandarte da repressão a esvoaçar!» [p. 70]) ou mais irónica, a propósito, por exemplo, das condições de vida («Vive onde não mora água.../ Dorme onde não mora luz...» [p. 77]).

Mas, como disse no início, uma das marcas da literatura da diáspora é a tensão entre o cá e o lá, a distância que separa esta

Babilónia da ansiada Sião. Luandino Vieira, por exemplo, colocou a questão assim, por intermédio do seu João Vêncio: «Eu digo: Luanda — e meu coração ri, meus olhos fecham, sôdade. Porque eu só estou cá, quando estou longe. De longe é que se ama.». Isabel Ferreira resolve o problema de outro modo, valendo-se do poder performativo da palavra: «Comer mabangas... saborear micondes.../ Apreciar maboques!/ Sem ter ao lado horas frias!/ Horas de solidão!!! Para quê encher o peito/ Com a cor do túnel do asfalto?!/ Pra quê? Pra quê? Pra quê?...» (p. 52).

Ler, ir lendo, este *Kissângua agridoce* é uma forma de acompanhar essa viagem: uma viagem que é pessoal mas que tem muito de universal e que tem os ingredientes certos para nos fazer a todos, angolanos e portugueses, arder «em chamas de espuma»: as chamas do amor e as da justiça.